



**Curso de Letras
Português e Espanhol**

CAROLINE ROJAS RIEDEL

Literatura e Identidade: uma resposta mítica a um problema nacional

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras
Português e Espanhol –Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial
para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora Prof. Dr. Santo Gabriel Vaccaro

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:
31/03/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Santo Gabriel Vaccaro (UFFS)

Prof.ª Angela Luzia Garay Flain (UFFS)

Prof.ª Dra. Neiva Maria M. Graziadei (UFSM)

Literatura e Identidade: uma resposta mítica a um problema nacional¹

Caroline Rojas Riedel²

carolrojasriedel@gmail.com

RESUMO: Este trabalho tem como propósito identificar os mecanismos de criação de identidade nacional através de diversos procedimentos entre os quais se encontra a literatura. Para isso, estuda-se o exemplo da literatura argentina, a qual serve aos propósitos de setores dominantes que governam o país de impor uma ideia de ser nacional baseada em protótipos míticos e históricos como o gaúcho ou o *criollo* e que se contrapõem a uma figura dominante de fins de século XIX e inícios do XX, o imigrante. Assim Leopoldo Lugones, poeta nacionalista, colocará o mítico gaucho dos pampas como o representante oficial de uma *argentinidad* ameaçada pelo “gringo” e Jorge Luis Borges, identificando esse procedimento arbitrário e parcial, mostrará outro modelo que também não representa a uma totalidade ou a um povo tão heterogêneo como o argentino, e exibirá como se constrói um mito nacional com sua personagem dos subúrbios, o *compadrito*.

Palavras-Chave: Identidade; Nacionalidade; Mito; Jorge Luis Borges; Literatura.

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo identificar los mecanismos de creación de identidad nacional a través de varios procedimientos, entre los que se encuentra la literatura. Para ello, se estudia el ejemplo de la literatura argentina, que sirve a los propósitos de los sectores dominantes que gobiernan el país para imponer una idea de nacionalidad a partir de prototipos míticos e históricos como el gaucho o el criollo y que se oponen a una figura dominante de fines del siglo XIX y principios del XX, el inmigrante. Así, Leopoldo Lugones, poeta nacionalista, colocará al mítico gaucho de la pampa como representante oficial de una comunidad argentina amenazada por el “gringo” y Jorge Luis Borges, identificando este procedimiento arbitrario y parcial, mostrará otro modelo que tampoco representa una totalidad o un pueblo tan heterogêneo como el argentino, ¹y mostrará cómo construir un mito nacional con su personaje del arrabal, el *compadrito*.

PALABRAS CLAVE: Identidad; Nacionalidad; Mito; Jorge Luis Borges; Literatura.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol - Licenciatura, UFFS, Campus Chapecó, como requisito para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientador Professor Doutor Santo Gabriel Vaccaro.

² Acadêmica da 09ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó (SC).

INTRODUÇÃO

O encontro com o universo Borgeano começou quando estudantes do curso de Letras Português e Espanhol da Universidade da Fronteira Sul, a qual pertencemos, fomos a Buenos Aires, capital da Argentina, em uma viagem de estudos. Nesta viagem conhecemos a *Fundación Internacional de Jorge Luis Borges* que, por sinal, foi a casa que o escritor argentino viveu com sua família e escreveu grandes relatos como “Las ruinas circulares”.

A Fundação pertencia ao escritor e depois de sua morte se tornou um museu, lugar onde ainda encontramos pertences do autor como seus quadros, alguns manuscritos e sua biblioteca. As histórias que ouvimos do guia simplesmente me encantaram. O mistério, o místico e a magia que ali estão presentes. Parece que Jorge Luis Borges colocou esses elementos em suas obras, para que os leitores pudessem sentir esse mistério e essa magia ao ler seus contos e ensaios.

O caminho para conhecer toda a sua obra é longo e quase impossível, pois novos textos sempre aparecem, mas isso não significa que o leitor vai parar de conhecer seus textos, pois a forma como ele faz literatura é encantadora. Borges tem algo especial quando fala sobre sua terra, seu país e, o principal, quando fala sobre a identidade do povo argentino, uma busca incessante que nunca acabou e que se torna uma temática atual gerando muitas discussões.

Entre as tarefas que Borges acometeu, na sua vida de crítico e escritor, está a de questionar os modelos oficiais do ser nacional, aquele que estava em cabeça do gaúcho como oposição à crescente figura do imigrante na Argentina no fim do século XIX e inícios do XX, e a construção de seus próprios mitos e espaços míticos.

Borges, quando escreve, coloca o leitor em uma perspectiva que permite que o histórico, o imaginário e a ficção se confundam e que aquilo que pertence à criação literária se incorpore a uma ideia de que aquilo que é lido diz algo sobre o passado de quem lê. Personagens e geografias do subúrbio borgeano, as *orillas*, ecoam forte ao leitor, ele se identifica com essas figuras do arrabalde e com a conformação e descrição desse espaço.

Borges constrói geografias e seus integrantes não só usando sua imaginação,

senão que também utiliza memórias regionais, histórias do passado, relatos de conhecidos e amigos, poemas de escritores desconhecidos como Evaristo Carriego, letras de tango e pequenas peças teatrais, etc.

O estudo que vou realizar não só procura fazer uma análise sobre a literatura de Jorge Luis Borges, mas entender como a literatura pode se tornar uma ferramenta que pode ser utilizada na construção de uma suposta identidade nacional, neste caso a Argentina. A intenção deste estudo também é compreender como se elabora uma representação mítica de um povo, essa base que sustenta e fortalece uma identidade que se entende como única e em um espaço que também se sente como unificado. Esse caráter “uni” pode dar certa coerência aos escritos dos autores como Borges, a ideia do compadrito e o arrabalde, mas também exibe uma certa debilidade ao mostrar a ausência de uma mistura de raças e etnias que compõem o povo argentino, o “pluri” (pluralidade).

Assim, neste trabalho serão apresentadas obras Borgeanas que contenham uma proposta do autor de uma possível construção mítica que representa a identidade do povo argentino. Em suas obras, Borges mostrou que não precisava escrever sobre os gaúchos para ser um escritor originalmente argentino e que também não teria que abandonar sua linguagem universal e regional para representar sua pátria em seus textos.

1. A Relação da literatura gauchesca na escrita de Borges

Assim como o subúrbio e seus moradores na escrita de Borges, existiam outros espaços e integrantes desses lugares que ocupavam lugares centrais na literatura Argentina e que, de certa forma, representavam a pátria quando se pensava ou se interrogava sobre o ser nacional. Entre esses lugares e personagens estavam a pampa e o gaúcho, elementos essenciais da literatura gauchesca.

A literatura gauchesca é um movimento literário que retrata o gaúcho com a intenção de recriar seus costumes e sua vida no campo, sua atmosfera, alcançando assim um senso de pertencimento à pátria ao leitor. Esta literatura descreve a cultura

do morador da pampa, os costumes folclóricos, o modo de vida dos gaúchos, a maneira como se expressam e pensam. A linguagem desta literatura é representada pelos autores nas obras de maneira arcaica predominando o monólogo. Um bom exemplo de essa literatura é a obra *Martín Fierro* de José Hernández. Obra que tem as características de um ser social que vivia no campo, que tinha como companheiro seu cavalo e sua lança, e que era um homem corajoso e destemido que se alimentava de sua música e suas *payadas*. Alguns exemplos podem ser lidos a continuação:

Mas ande otro criollo pasa
Martín Fierro ha de pasar,
Nada lo hace recular
Ni las fantasmas lo espantan;
Y dende que todos cantan
Yo también quiero cantar
(HERNÁNDEZ, 2008, p. 36)

Soy gaúcho, y entiendanlo
Como mi lengua lo explica,
Para mí la tierra es chica
Y pudiera ser mayor,
Ni la víbora me pica
Ni quema mi frente el sol.
(HERNÁNDEZ, 2008, p. 37)

¡Ah tiempos!... si era un orgullo
Ver ginetear un paisano –
Cuando era gaucho vaquiano,
Aunque el potro se boliase,
No había uno que no parase
Con el cabresto en la mano
(HERNÁNDEZ, 2008, p. 41)

E Borges, além de tudo o que esse gaúcho representou, viu nele o elemento central da criação de uma nacionalidade utilizando o mito gaúcho, a mitologia oficial, tenta reconstruir através da história e a literatura outra *argentinidad*, outra nacionalidade de um povo. Borges não usa o campo, nem o gaúcho, usa outros elementos mais unidos à cidade, dos limites da cidade, utiliza o arrabalde e seus compadritos. Estes elementos de construção de nacionalidade são diversos ao oficial, pois não pertencem ao campo, mas coincidem com aquele pois, de alguma forma,

não escapam do que vem sendo entendido como uma “invasão” da imigração na Argentina desde as últimas décadas do século XIX.

A identidade² é uma noção coletiva, uma ideia que abraça um povo, mas também é uma busca do indivíduo, é algo subjetivo, é uma busca que tenta entrelaçar a história com a memória, o início e o fim de uma vida, um sonho imaginado que se mistura com o que é criado.

E na Argentina existe uma identidade nascida de um projeto literário nacionalista, que parte das conferencias de Leopoldo Lugones, em 1913, sobre o *Martín Fierro* de José Hernandez e que coloca o gaúcho como símbolo da pátria e que não carece de parcialidade quando se pensa em um povo muito heterogêneo. É uma nacionalidade oficial, apoiada pelos governantes e derivada dos esforços de um poeta que responde aos interesses do governo. Um governo que está longe da ideia liberal de Sarmiento de conformar uma nação onde os europeus fortaleçam o conceito de civilização e debilizem a ideia de barbárie, representada pelos índios e os gaúchos. São justamente estes últimos os que a Argentina de finais do século XIX usa para contrapor aos novos argentinos, os imigrantes. Um gaúcho que, já desaparecido pela força do progresso, pelo arame farpado e pelo trem, inimigos da liberdade dos pampas, não representa perigo nenhum para os governos de turno, para a burguesia argentina dos anos de 1900.

Borges observa essa criação parcial e exhibe como ela é feita criando o próprio mito, o mito das *orillas*. A própria nacionalidade, que descansa nas margens da grande metrópole, nessa linha de fronteira que divide o campo da cidade. Uma nacionalidade que também é parcial, mas que tem seu valor no fato de mostrar que ela é uma construção, neste caso, também fruto da criação literária. Borges cria, poderia se dizer seguindo a ideia de Vaccaro (2009), um “mito particular” que se

² A formação de uma identidade se dá no indivíduo desde seu nascimento, mas está relacionada com o ambiente em que está inserido. Geralmente, este se desenvolve através da cultura e histórias que passam de geração em geração, fatos que constroem especificamente uma identidade. Por isso, esta última, vincula-se à sua capacidade de se modificar e estar envolvido com a sociedade como um todo. No artigo intitulado “*Identidad y Cultura*” a autora Morelba Rojas de Rojas (2004, p.90) apontou, “que el proceso de formación de la identidad se origina tanto interiormente como por fuerzas externas que cambian según cambie la sociedad y las instituciones insertas en ella”.

estabelece muito perto do oficial. Mas, gaúchos ou compadritos, pampas ou arrabaldes, quando colocados como símbolo de uma totalidade acabam tornando parcial a diversidade racial ou étnica dos diversos setores que compõem uma sociedade.

Mas como os mitos oficiais, os criados por Borges convencem, aprisionam os leitores que acham que o escritor argentino seria uma espécie de guardião das memórias do país, memórias do passado ou tradição que recupera com a literatura, com a ficção e a linguagem. Sua literatura cria um espaço que não é real, o borgeano não é o subúrbio mítico do fim do século XIX, mas que se torna realidade porque é uma ficção que agrada e fascina, que fala de valentes, de honra, da religião da coragem, de facas e de tango, em fim, de uma mitologia que é tão forte como a imaginada para a dura vida do gaúcho dos pampas. Nos seguintes versos do livro “*El compadrito*” de Borges e Bullrich podem ser observadas essas qualidades do homem do subúrbio. O primeiro fragmento é do poema “El barrio” de Evaristo Carriego: “Sobre el rostro adusto tiene el guitarrero/ Viejas cicatrices de cárdeno brillo,/En el pecho un hosco rencor pendenciero/ Y en los negros ojos la luz del cuchillo”.(apud BORGES; BULLRICH, 2000, p.31). O segundo, “El guapo”, também de Carriego, diz:

El barrio lo admira. Cultor del coraje,
Conquistó, a la larga, renombre de osado;
Se impuso en cien riñas entre el compadraje
Y de las prisiones salió consagrado.
Pronto a la pelea – pasión del cuchillo
Que ilustra las manos por él mutiladas --,
Su pieza, amenaza de algún conventillo,
Es una academia de ágiles visteadas.
(apud BORGES; BULLRICH, 2000, p.31)

O subúrbio de Buenos Aires da escrita borgeana é um espaço mítico que atrai e seduz e seus valentes compadritos e vizinhos dos bairros, são personagens que lembram o tango e estão muito arraigados no imaginário do argentino de Buenos Aires (o interior tem seus próprios personagens).

A história dos compadres, dos subúrbios e do tango é uma história suburbana que está próxima da cidade, que é sentida pelo cidadão e não se identifica com

aquela que coloca um gaúcho como modelo nacional. Claro que a mitologia borgeana também não é sentida pelo povo do interior da Argentina, nem pelos habitantes originários do país, nem por uma grande parte dos estrangeiros, nem por grande parte do interior da mesma Buenos Aires, mas a função ou o objetivo da criação literária borgeana não é essa, nem deveria. Borges escreve sobre o subúrbio, pois a temática o seduz e quiçá demonstra que o ser argentino pode ser criado com diversos materiais, assim como fez Lugones com o gaúcho nas suas palestras.

O que é certo é que a problematização e a construção de uma identidade nacional estão presentes nas obras literárias do escritor argentino Jorge Luis Borges e que, desde seus primeiros trabalhos de juventude, tenta incessantemente demonstrar a impossibilidade de identificar o modelo de um ser argentino com apenas as características de um setor da população deste país. Esse modelo seria criado, se possível, ao longo dos anos e as múltiplas particularidades de vários grupos sociais nacionais. A grande metrópole moderna é uma Argentina, os pampas é outra, o subúrbio, os bairros de *tangueros*, o interior, os espaços dos habitantes nativos, os setores de imigrantes, tudo faz parte da Argentina.

2. Uma cidade transformada pela imigração

Quando Borges voltou de sua estadia na Europa, na segunda década do século XX, ele encontra sua cidade natal, Buenos Aires, fortemente transformada e submersa em um período de grande progresso econômico. Por outro lado, a grande imigração promovida por governos nacionais liberais do passado, preocupavam os intelectuais e líderes políticos da nação que olhavam com desconfiança o grande número de imigrantes que viviam no país, especialmente nos subúrbios, um espaço que abrigava aqueles que não podiam se juntar ao ritmo da grande metrópole.

Era uma nova Argentina que apesar de deslumbrada com a modernidade e o progresso exacerbado sofria com um dilema de governar é povoar, o que resultou na instalação em massa de imigrantes nas margens da cidade, mudando claramente a aparência da cidade. Sobre este tema, Vaccaro (2009, p. 13) cita que os imigrantes

levam consigo as ideologias europeias como socialismo e o anarquismo, e encontram na Argentina o espaço ideal para criar raízes e fortificar-se por ser um país rico e pronto para acolher “novos argentino”. O fato é que a urbanização acelerada se dá não somente por imigrantes europeus, mas também acontece uma imigração interna que procura na cidade uma oportunidade de crescer economicamente, coisa que o interior não fornecia e assim os que não se integram a civilização metropolitana acaba se instalando nas margens, nos subúrbios, configurando assim, uma nova cidade. Outra dificuldade que é mencionada por Vaccaro (2009), é a variação linguística que é fruto dessa imigração exacerbada o que preocupa as autoridades políticas, mas também servia como debate entre os intelectuais para identificar qual seria a língua oficial dos argentinos. Foi nesse momento que a literatura ganhou novos escritores, os escritores marginais. Na década de vinte a Argentina é foco de discussões e uma movimentação nacionalista para formar uma identidade nacional que os representasse, sobretudo o povo portenho. Anos que, Sarlo (1995, p.4) representa claramente quando fala do regresso de Borges a Buenos Aires:

[...] cuando [Borges] regresa a la Argentina para vivir aquí casi hasta su fin, abre esa pregunta (que nunca cierra) sobre cómo es posible escribir literatura en este país periférico, con una población de origen inmigratorio establecida en una ciudad litoral, Buenos Aires, que ha comenzado a convertirse en metrópoli todavía rodeada por el campo, esa inmensidad de naturaleza de donde llegan los ecos de una cultura rural criolla, que el proceso de modernización está liquidando pero que subsiste como elemento residual y, sobre todo, como mito de intelectuales. (SARLO, 1995, p.4)

Essa preocupação com a imigração, que mudou aspectos sociais e linguísticos do antigo e atual crioulo de Buenos Aires, foi de alguma forma refletida por vários intelectuais e homens da literatura.

Nesse sentido, apareceram as conferências de 1913 (mais tarde, em 1916, levariam ao livro *El Payador*), de Leopoldo Lugones, que apresentaram uma solução para o temor das influências dos estrangeiros na conformação de uma identidade

nacional, *criolla*, própria das antigas e tradicionais famílias argentinas.

Nessas conferências, a *argentinidad* foi estabelecida através da figura do gaúcho, herói épico dos pampas, e do livro *Martín Fierro*, a obra que representa o nacional e que seria oposto ao agente invasor, o estrangeiro:

[...] el gaucho, raza sobre la que se funda la nacionalidad, cultura de la cual provienen los valores más altos del hombre argentino, es un mixto de civilización y barbarie. Participe de ambos mundos es, sin embargo, agente civilizador: el que riega con su sangre el suelo en *la expansión de las fronteras*.. Pero esa tierra fertilizada es cosa de mercado y su efectiva valorización culmina en la extinción de la vida gaucha: “no lamentemos, sin embargo, con exceso su desaparición”. La lógica del martirio, largamente escrita en *La guerra gaucha* se explicita aquí –y en especial en la última conferencia– con la idea de los muertos como “largos adobes que van reforzando el cimiento de la patria”. (LUGONES, 2009, p.19)

[...] en *El payador* el gaucho valiente, decidido, individualista, es expresado y superado por el patrón. Jefes y patronos son dignos de mando porque expresan el arquetipo inicial sin la barbarie residual. (LUGONES, 2009, p.19)

O jovem Borges percebe a artificialidade do resultado desse proceder dos intelectuais e escritores nacionalistas para definir o nacional e a identidade da nação, desse utilizar a literatura com objetivos políticos e sociais. Nesse sentido é que Borges coloca sua própria ideia de identidade, uma ideia que, também arbitrária quanto à escolha de um setor, parece ser mais ampla no que se refere à conformação de uma noção de *argentinidad* relacionada a um único setor do país. Nos habitantes do arrabalde estão os gaúchos, os chegados do interior do país, os imigrantes, todos cidadãos que não terminam de se inserir na vida da grande cidade, dos arranha céus e acabam morando na periferia, nos *conventillos* (cortiços) e nas casas baixas e humildes que beiram com o campo.

Para essa *argentinidad* do gaúcho *Martín Fierro* de Hernández que Lugones coloca no centro das discussões para responder à pergunta sobre o que é ser argentino, Borges dá uma nova resposta, tão insuficiente quanto a anterior, mas quiçá um pouco mais ampla. E essa resposta borgeana, em parte, está nos ensaios de seus primeiros livros, entre os quais está “*El tamaño de mi esperanza*”. Neste seu trabalho citado anteriormente, Borges questiona o povo argentino como, por exemplo, o que

fez da sua terra, no que esses homens a transformaram? Terra de ninguém que se transformou em terra de todos, uma pátria renascida entre a civilização e o deserto dos pampas e da barbárie, um espaço que será conhecido como as *orillas*, o arrabalde portenho:

El barrio era peleador en ese anteayer: se enorgullecía que lo llamaran Tierra del Fuego y el punzó mitológico del Palermo de San Benito aún perduraba en los cuchillos de los compadres. Había compadritos entonces: hombres de boca soez que se pasaban las horas detrás de un silbido o de un cigarrillo y cuyos distintivos eran la melena escarpada y el pañuelo de seda y los zapatos empinados y el caminar quebrándose y la mirada atropelladora. (BORGES, 1995, p.27-28)

Em “El tamaño de mi esperanza” aparece claramente o projeto borgeano que se contrapõe ao de Lugones. Está o espaço mítico, o arrabalde, subúrbio de Buenos Aires e seu personagem mítico, o *compadrito*, figura que lembra o *tanguero*, mas também o gaúcho que se estabelece nas margens da cidade. O uso das facas, o valor, a habilidade com o violão, o gosto pelo truco e a bebida, a religião da coragem, muitos aspectos são compartilhados por estas figuras.

Borges pensa em sua representação identitária a partir dos homens do arrabalde de Buenos Aires, o *orillero* sul, que não pertence nem aos pampas, muito menos à cidade. E como ele não pertence a esses lugares, ele consegue caminhar entre a civilização e a barbárie, entre os pampas e a cidade, construindo assim uma nova identidade. Identidade já ensaiada na literatura argentina por um poeta argentino amigo do pai de Borges, Evaristo Carriego, que é muito considerado por Borges. Sobre o arrabalde Carriego (1999, p. 2) conta que: “En la calle, la buena gente derrocha/sus guarangos decires más lisonjeros,/porque al compás de un tango, que es «La Morocha»/ lucen ágiles cortes dos orilleros”.

Essas histórias que Carriego descreve ocorrem em uma zona de fronteiras e Borges reconhece que há uma tensão visível nesses espaços fronteiriços. A fronteira se alimenta de diferenças e isso torna possível que algo novo surja. A partir desta

linha de fronteira, a partir do subúrbio de Buenos Aires, Borges recria uma tradição nacional única, novos espaços e personagens. Borges, assim como Lugones, recupera e ressignifica o gaúcho argentino quase extinto pela modernidade, recupera e redesenha o compadrito e os arrabaldes numa época em que essas figuras eram parte da memória. Lutas de facas, as milongas, personagens do bairro e a coragem são elementos da literatura borgeana, características de uma cidade que tinha pouco dos subúrbios que Borges lembrava.

O próprio Borges, como sua criação mítica e seu espaço mitológico, pode ser pensado como posicionado em um limite, em um espaço difuso e nebuloso colocado entre dois setores extremos. Entre o descendente de um avô que morreu lutando contra os índios para conquistar o território gaúcho, bárbaro, e um descendente de um avô europeu, religioso e civilizado. Entre uma tradição argentina que não está inteiramente em Domingo Faustino Sarmiento, nem em José Hernández; que não está na cidade, nem nos pampas; que não está na civilização, nem na barbárie. Borges, assim como a tradição argentina, está nas fronteiras entre dois mundos, está na cultura crioula ligada às tradições urbanas da corte europeia, entre o local e o universal. Em um espaço de mistura, onde as extremidades são confusas, nenhuma das tradições deve ser destacada, é impossível definir o que é campo ou cidade, a existência de ambos é o equilíbrio.

Os personagens do subúrbio não são habitantes das grandes cidades, nem são gaúchos dos pampas, mas compartilham com eles traços, características pela proximidade geográfica com ambos os espaços. A urbanização e o campo estão misturados no arrabalde. O compadrito é um ser da cidade, da sua margem, que conserva parcialmente o campo na sua forma de ser. Falta o índio, o habitante originário, o cidadão da grande metrópole, muitos sectores do interior, o gaúcho propriamente dito, é uma *argentinidad* com ausências também, mas é outra possibilidade de país a que Borges apresenta. O país dos subúrbios, daqueles que estão às margens do progresso e a modernidade da Paris argentina, de Buenos Aires luminosa de alguns poucos portenhos e das famílias tradicionais da nação.

Esses setores sociais que deveriam conformar um todo, uma identidade

nacional, estão em constante mudança e relação. Aparecem novos grupos e se configuram novas relações. Cada setor com as suas diferenças precisam ser entendidas e respeitadas, pois uma nação não é feita com setores em contradição, mas integrações. Campo e cidade, pampa e urbe, cada um dos setores sociais que compõem a nação, pertencem ao mesmo espaço territorial e social. E quiçá, na impossibilidade de definir o que não é campo ou cidade, haja certo equilíbrio.

A tentativa borgeana de construir seu espaço literário particular, além de mostrar a impossibilidade de aplicar a ideia lugoneana, parece querer sugerir como a literatura pode construir identidades nacionais a partir de fundações frágeis, como a ficção pode ser uma forte aliada, ainda que utópica, da necessidade de um povo que tenta usá-la para se definir.

3. História e literatura: formadoras de uma identidade nacional

Na obra *El Compadrito*, Borges exalta a criação de um tipo de personagem que foi criado exclusivamente em Buenos Aires, nos subúrbios, e que, de alguma forma, serve de base para a identidade de um país. Uma identidade representativa daqueles que ocupam o espaço que divide ou une os cidadãos da metrópole argentina e o gaúcho dos pampas.

Pensar o subúrbio é pensar no gaúcho e no compadrito como dois personagens que identificam, em parte, o ser argentino. Não se pode esquecer que o *compadrito* se via como uma espécie de gaúcho. Compadritos e paisanos compartilhavam as mesmas coisas e deixavam entrever a ideia de que o campo entrava na cidade ou permitia a entrada do primeiro.

E o personagem borgeano se fortalece na sua literatura, também ganha espaço no teatro e na música. E é esta última a que lhe dá uma força inusitada, pois os tangos ganhavam espaço na cidade e o compadrito foi se tornando um dos personagens principais do arrabalde. Ele não tinha uma trajetória nem uma história específica, não era um símbolo nacional identificado com sua terra como o gaúcho com a pampa, mas entre outras figuras do subúrbio (o vizinho das cadeiras na rua, a

moça enganada, os comerciantes gringos, etc.), sua fama começou a adquirir importância e essa fama se veio nos palcos em que o tango e a música comandavam. Um compadrito era um homem digno e correto que vivia sozinho, homem da noite, da música, do teatro nacional, dos palcos da vida e das letras do tango. O próprio Borges lembra essa figura que mistura o gaúcho com o cidadão portenho.

Esse personagem citado como compadre que deu nome à obra *El Compadrito* de Borges, era entendido como um plebeu da cidade. Assim como o respeito que tinham os cultores da religião da coragem, os guapos ou compadres, algumas figuras eram apontadas com termos pejorativos. *Compadrito* era, em muitos casos, aquele que imitava ou fingia valentia, aquele que queria ser parecido com o *orillero*, o homem das margens, experto no uso da faca, que em muitos casos era sua ferramenta de trabalho (nos matadouros, por exemplo).

No campo, o termo compadre tinha um sentido mais carinhoso, era uma forma de tratamento que se dava a pessoas de baixa renda e entre as pessoas que se consideravam muito próximas do mesmo círculo de convivência, quase como irmãs, e se aproximava do substantivo camarada. Assim, esse *compadrito* da literatura e das letras de tango expressa certa exageração ou imitação, mas também a coragem e ousadia popular. Borges (2000, p.107) lembra que estes personagens tinham personalidades distintas e que estas poderiam ser divididas em três tipos:

- 1) "El compadrito", figura que se originou do candombe e sonhava em poder dominar o bairro;
- 2) "El compadrón" que era do quartel, que tinha grande fé em si mesmo e era alguém arrogante e uma pessoa dura e;
- 3) "El compadre" que é a mistura dos dois, além de ser um tipo que não leva em consideração as opiniões da sociedade.

Uma descrição desta figura pode ser observada nos versos de "El compadre" de Manuel Gil de Oto (2010, p.173):

Es disfraz de su prudencia
su aire de perdonavidas
y su condición cobarde

tapa su lengua agresiva...
Así es el compadre: un tipo
que da miedo y causa risa,
trágico para las paces
y bufón para las riñas.
En los suburbios, sus centros
no hay límite a su malicia
avilantez que no logre
ni freno que lo comprima;
la fiera se domestica,
su matonismo se agota
y su prudencia se aviva.

A civilização e o progresso, às vezes, eram incompatíveis com os tempos de alguns cidadãos mais tradicionais e principalmente com o compadrito que era um homem que não se adaptava às mudanças rápidas e usava sua força para sentir que estava no centro de seu domínio no controle da situação, que os tempos não passavam por cima dele.

Esses compadritos eram só uma parte dos habitantes daquela Buenos Aires modernizada e cheia de estrangeiros, uma cidade onde alguns homens precisavam de tempo para se acostumar com o progresso incessante e as profundas mudanças que experimentava a sociedade. Mudanças que colocavam o povo muito longe daqueles períodos de vida colonial, de guerras pela independência e de enfrentamentos civis armados pelo poder e direção do país. O argentino se criou como qualquer outro povo. Alcançou sua independência através de muita luta e, por vezes, uma luta contra o próprio interior e seu ambiente mais ligado à natureza. Uma luta contra a origem e a tradição de sua gente para “domesticar” os campos e o interior (e quiçá o mesmo subúrbio) e aprender a viver em uma sociedade moderna que mudava rapidamente sob a ideia de progresso.

Um passado e uma forma de vida de um povo que o avanço civilizatório enterrou sobre camadas e camadas de urbanização e progresso. A desapareção de um tempo considerado mais puro e mais ligado à própria essência dos amantes da sua terra, de seu espaço ainda não europeizado nem privado de um passado mais conectado com a natureza ou seus próprios costumes. Nesse cenário, a necessidade do compadrito de se manter no centro das atenções e de não perder suas virtudes num mundo que a faça e

os duelos pela honra, são substituídos por leis e normas sociais de conduta, faz que expresse seus sentimentos e emoções através da música e do canto. No milonga e no tango, a vida do campo, dos arrabaldes se une ao sentimentalismo africano, à engenhosidade rioplatense e o plebeu da cidade, o herói do arrabalde, recupera e mantém sua fama e pode se dizer que alcança o patamar de símbolo, ainda que parcial, na procura da ideia de argentinidade. Esse mito que Borges coloca do lado daquele que Lugones criou com o gaúcho Martín Fierro.

Um mito construído com ensaios, com contos e também com um livro que tentou ser uma biografia *Evaristo Carriego*, de 1935. Neste livro há homens valentes, duelos de facas, entonação *criolla*, a obrigação que Carriego sentia de proteger seus bairros, a música e a poesia popular. É um livro que transforma um espaço suburbano em um lugar mítico e que dá a um poeta menor uma fama inusitada, a de representante e defensor dos bairros humildes. É a literatura criando mitos com senso de pertencimento. Borges (1998, p. 125) nos lembra que: "O subúrbio cria Carriego e é recriado por ele". Carriego sofre a influência do subúrbio real e do subúrbio poetizado e se torna um personagem mítico que Borges procura colocar no mesmo palco que Hernández. Neste sentido, Borges (1998, p.125) lembra que: "Todos, ahora, vemos a Evaristo Carriego en función del suburbio y propendemos a olvidar que Carriego es (como el guapo, la costurerita y el gringo) un personaje de Carriego, así como el suburbio en que lo pensamos es una proyección y casi una ilusión de su obra.

E além de *Evaristo Carriego*, outras obras de Borges apontam características que são muito valorizadas. Os ensaios de Borges em seu livro *El tamaño de mi esperanza* mostram claramente que os pampas e o subúrbio são duas realidades com grande relevância para a história e identidade nacional do argentino.

Tanto o arrabalde quanto o pampa tem grande importância para o país e por isso podem ser elevados à categoria de espaços míticos. Borges sabe que faltam lendas e mitos para consolidar a universalidade e o aspecto mítico do subúrbio e por tal motivo trabalha nesse projeto. Sabe que não existe um livro sobre os arrabaldes e seus personagens que os immortalize, assim como o pampa e o *Martín Fierro* ou outros livros sobre o campo que já foram aceitos pela população como um lugar de mitos e lendas

encantadoras. Nesse sentido, Borges (1995, p.20-21) lembra em seu ensaio “La pampa y el suburbio son dioses” que está na obra *El tamaño de mi esperanza* alguns versos do coronel Hilario Ascasubi:

Ansí la pampa y el monte
a la hora del mediodía
un desierto parecía
pues de uno al otro horizonte
ni un pajarito se vía.
[...]
Flores de suave fragancia
toda la pampa brotaba,
al tiempo que coronaba
los montes a la distancia
un resplandor que encantaba

A pampa e o arrabalde existem com toda sua beleza e representatividade pelos esforços, entre eles e o literário, alcançando assim um patamar mítico, porém a identidade de um povo não é criada só com esses esforços. Necessita-se de uma memória coletiva e de consciência de pertencer a esses espaços. A identidade é também mental e sustentada por elementos simples como personalidade, identificação, amor, medo, etc. Esses elementos devem ser considerados quando se tenta entender a construção da identidade de um povo. Mas os elementos são tantos que essa identidade sempre será parcial. Criar um mito é considerar como muito importante os aspectos que vinculam o indivíduo, suas particularidades, com sua terra, mas também as memórias coletivas, a tradição, aquilo que vai além do particular.

Em uma identidade arbitrariamente imposta por uma ideologia como o nacionalismo, tal movimento persegue interesses e objetivos que estão ocultos. O objetivo visível é manter a autonomia e a identidade de uma nação, mas também está aquele não tão visível que seria resistir aos estrangeiros que disseminavam suas culturas e línguas pelo país, mas que também cresciam social e economicamente, o que poderia torná-los a nova burguesia que colocaria em perigo o poder das elites políticas dominantes.

Nesse sentido, *El payador* de Leopoldo Lugones indica o Martín Fierro como o

poema épico da Argentina, pois essas composições caracterizam e definem a vida heroica de um povo, suas raízes e origens, tempo e espaço em quais não existia a aluvião imigratória que tanto preocupava os governantes daquelas décadas. Nesta obra Martin Fierro é apontado como filho dos pampas, como o herói gaúcho que remonta às origens da nação, ao trabalho duro, às vestes, aos costumes e à vida social de homens sofridos de campo, de homens que representam uma nação. Homens que, por outro lado, como grupo social já estavam quase extintos pelo avanço do progresso e não haveria um perigo real para as classes dominantes.

O gaúcho, para Lugones, carrega a tão discutida e procurada argentinidade. É cantor e rimador, sua poesia é cantada, ele fala sobre os costumes do campo e o violão é o instrumento que caracteriza e fortalece uma identidade na poesia gaúcha. Por tais motivos, não seria difícil ver no gaúcho traços que conformam uma identidade conveniente para esses governos, pela grande importância histórica que tinham estes homens do pampa, mas também por seu caráter submisso ao homem branco governante quando o país lutou contra os espanhóis pela sua independência, quando enfrentou os índios para ganhar novos territórios ou quando suportou as condições de trabalho injustas impostas para reorganizar um país de elites e famílias tradicionais no comando.

Pode-se entender que liberdade e igualdade são condições naturais para o argentino que vive em sociedade, mas para chegar a esse ponto houve um processo muito sofrido e, nesse caminho, o gaúcho pagou um preço muito alto para que essa sociedade alcance a estabilidade necessária para crescer como país. O gaúcho deu seu sangue por seu país e teve que se sacrificar e sacrificar sua natureza, sua identificação com o campo, sua total liberdade para contribuir com a sociedade do progresso e da modernização.

E não é só o gaúcho que é valorizado quando está desaparecendo. O mito de Borges também está ligado ao temporal. É um mito de um tempo anacrônico, de uma Buenos Aires desaparecida, também pré-migratória. Bairros onde a lei era a honra e ainda podia a justiça ser dirimida pelos vizinhos. Um tempo anterior à organização social e à modernidade, aos códigos e às normas legislativas. Tempos e espaços que

já são lembranças, como a pampa do gaúcho que Lugones exalta.

Beatriz Sarlo, em *Escritos sobre literatura argentina* (2007), observa que Borges não só se lembra de um passado, mas de um passado no espaço. Há uma recuperação de um ontem, o passado da pré-imigração que se dá é um espaço específico, os subúrbios. Um ontem que está desaparecendo continuamente diante da nova face da sociedade de Buenos Aires. Borges escreve sobre assuntos que são do espaço da cidade e também de um tempo específico, das últimas décadas do século XIX. Em sua prosa e sua poesia, Borges atribui qualidades morais ao argentino, um argentino que convive com o rural e o urbano, onde o heroico se situa em um espaço e tempo onde a imigração não está instalada com toda sua força.

Nas margens, nos subúrbios borgeanos, o passado remoto e o passado mais recente se misturam e a cidade carrega consigo o fantasma do gaúcho que sobrevive no *compadrito* dos subúrbios, dois fortes representantes de uma parte do seu povo. Mas Borges, no seu projeto, vai além desse espaço e tempo próprios da nação que funde figuras autóctones. Ele constrói uma imagem do argentino a partir da popular conjuntura tradicionalista argentina, sim, mas também desde a literatura universal. Nos textos de Borges, um *compadrito*, sofre as vicissitudes e os desafios de um homem universal. A filosofia e a literatura permitem essa forma de trabalho.

Ser um valente, enfrentar a morte, sofrer estoicamente as adversidades desta vida, não são matéria exclusiva de gaúchos e compadres, são parte da mesma humanidade. Neste sentido, lembram-se as palavras de Sarlo (1995, p.5) sobre a literatura Borgeana:

[...] la condición que hace posible inventar una estrategia para la literatura argentina; inversamente, el reordenamiento de las tradiciones culturales nacionales lo habilita para cortar, elegir y recorrer desprejuiciadamente las literaturas extranjeras, en cuyo espacio se maneja con la soltura de un marginal que hace libre uso de todas las culturas. Al reinventar una tradición nacional Borges también propone una lectura sesgada de las literaturas occidentales. Desde la periferia, imagina una relación no dependiente respecto de la literatura extranjera, y está en condiciones de descubrir el 'tono' rioplatense porque no se siente un extraño entre los libros ingleses y franceses. Desde un margen,

Borges logra que su literatura dialogue de igual a igual con la literatura occidental. Hace del margen una estética.

As margens do subúrbio são espaços existentes na cidade real, mas na literatura podem ser identificadas, entre outras coisas, com questões simbólicas ligadas ao cultural. Questões que atingem todos os homens, todos aqueles que vivem nos limites, aqueles que deixam seu lugar de origem e tentam uma nova vida.

O subúrbio é uma criação de Borges que pode ser vista como um espaço que aglomera as pessoas que deixaram os pampas e se juntaram aos imigrantes que se estabeleceram às margens da metrópole. São pessoas fora de sua terra originária, pessoas que moram nas margens. Moram nas fronteiras que dividem a pampa e a cidade, em um espaço ambíguo que pode ser refúgio de desterrados ou um lugar para quem quer reiniciar a vida. Os arrabaldes borgeanos, quando se trata de identidade, também são uma criação literária insuficiente que não alcança a totalidade de um povo, mas, de alguma forma, possuem uma amplitude que atinge os setores populares, aqueles que sofrem, setores sociais valorizados pelos leitores. No gaúcho, nos compadritos, nos desterrados na sua própria terra, excluídos dos benefícios da grande metrópole há experiências e vivências que uma grande parcela de leitores assimila com um claro sentimento de pertencimento. Sentimento que permite, entre outras coisas, mitificar esses homens e seus espaços.

Para alguns leitores, o ser de um povo, por lutas e vicissitudes, nem sempre está associado à felicidade ou sentimentos prazerosos. Essa essência de um povo pode ser vista como um esforço necessário onde o risco vale a pena e o orgulho marca um caminho. A *argentinidad* ao invés de uma identidade eminentemente histórica pode ser vista como uma vocação, uma honra, um sentimento de unidade, um compartilhamento de ideais e padrões de vida, um sofrimento, uma dor, um violão ou um violino, um vizinho e seu chimarrão. Todos elementos que são insuficientes para uma totalidade nacional, mas muito atrativos para vários setores do país. E essa *argentinidad* está na literatura, no herói que não existiu, naqueles que são de carne e osso e que vivem nas ruas e sentem em sua pele o frescor do Rio da Prata e a melancolia da Recoleta, nos compadres borgeanos do passado com suas

necessidades, sua música e suas brigas de faca. Em “Los compadritos muertos”, Borges deixa um retrato destes homens:

Cuando el último sol es amarillo
 En la frontera de los arrabales,
 Vuelven a su crepúsculo, fatales
 Y muertos, a su puta y su cuchillo.
 Perduran en apócrifas historias,
 En un modo de andar, en el rasguído
 De una cuerda, en un rostro, en un silbido,
 En pobres cosas y en oscuras glorias
 En el íntimo patio de la parra
 Cuando un tango embravece la guitarra.
 (BORGES; BULLRICH, 2000, p.172)

Assim é o *compadrito* borgeano, com seus traços comuns ao gaúcho e suas virtudes e defeitos que representam parte de um povo. Mas a Argentina não pode ser representada apenas por um ou dois tipos sociais, pois a mistura de raças e etnias é o que permite uma verdadeira integração, sem disputas nacionalistas nem sentimentos de rechaço ao diferente. Pois aquele que é diverso, aquele que chegou depois e de outros espaços também pode apreciar ou admirar certas virtudes como o valor e a coragem ou a destreza para o canto ou a dança. Em “Ascendência del tango”, no livro *El idioma de los argentinos*, Borges (2008, p. 107) compartilha fragmentos de uma milonga em que se observa essa coragem dos *compadrito* junto a sua habilidade para dançar:

Yo soy del barrio del Alto,
 soy del barrio del Retiro,
 yo soy aquel que no miro
 con quién tengo que pelear
 y en trance de milonguear
 nadie se me puso a tiro.

Características que o autor argentino nota não só nas milongas, mas também nos primeiros tangos. Assim, na terceira conferência “Evolución y expansión” do livro *El tango*, Borges (2016, p. 91) volta a citar das letras tangueras, versos que aludem à valentia e os dotes de bailarino dos *compadres*:

Yo soy del barrio del Alto
donde llueve y no gotea;
A mí no me asustan sombras
ni bultos que se menean.
[...]
En el tango soy tan taura
que, cuando hago un doble corte,
corre la voz por el Norte
si es que me encuentro en el Sur.

A construção da identidade de um povo se dá através da história, por uma carga cultural e uma memória, por uma aproximação do passado do presente, por uma integração da tradição e o novo, mas ante tudo, por uma representatividade de uma totalidade de sectores sociais que compõem um país. Borges constrói suas produções literárias em cima de uma tradição argentina, sim, mas usa para criar um espaço mitológico só traços do arrabalde e do mundo criollo. É a maestria do escritor, a facilidade para escrever desde um patamar autóctone e também universal, a que permite que uma personagem local possa ter um reconhecimento geral. É a mão do gênio que transforma um valentão e dançarino num símbolo que se coloca do lado do gaúcho e que, hoje, é reconhecido pelo mundo. Como o mesmo Borges pensava, o gaúcho e o tango são as primeiras coisas em que pensa um estrangeiro quando se nome a Argentina.

Borges transforma em tradição personagens e espaços que poderiam ser esquecidos ou apagados da lembrança do povo portenho, cria mitos que colocam a salvo uma memória ameaçada pelas frenéticas mudanças do progresso argentino da virada do século XIX. Nesse sentido, a memória que Borges protege que cria ou recria é essencial, embora parcial, na ideia de identidade nacional para os argentinos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do universo borgeano, do seu espaço suburbano e seus personagens míticos tentou ler uma identidade nacional argentina, ainda que parcial, e fabricada com os elementos ficcionais da literatura, atrelados aos históricos e sociais. Essa

identidade que se nota, ainda, na cidade moderna com sua exuberância e glamour nos teatros e apresentações de shows de tangos.

Uma cidade que se apoia numa criação mitológica, mas que não simboliza o ser argentino, na sua plenitude. A nação heterogênea, ao menos, cobra uma nova representatividade em Borges em uma literatura de tangueros e compadritos, de homens de faca corajosos e viris de vida marginal, de *criollo* presentes no encontro do subúrbio com a cidade. Uma literatura que reflete outra identidade, que descansa do lado da imposta pela obra de José Hernández e sua consagração como livro dos argentinos nas conferências de Lugones.

É provável que o escritor Jorge Luis Borges tenha pensado que essa discussão literária que aborda a identidade dos argentinos poderia ir além do subúrbio, para outras regiões do país, mas isso é só uma suposição. O que se observa é que os ensaios, os contos, os poemas, as biografias do autor argentino evitam a história de um país modernizado e desenvolvido, para voltar ao passado desse centro de progresso e identificar e recriar personagens típicos para dar-lhes um ar mitológico. Para carregá-los de universalidade, de traços que atraíam a atenção de leitores de todas as regiões, de qualquer lugar onde a coragem, onde a dança, a música e a necessidade de sobreviver sejam sentidas e sofridas.

Essas tristezas, esses lamentos já estavam no campo, no dia-a-dia do gaúcho, outro modelo de homem viril, forte, corajoso e extremamente unido a sua terra que também sabe de sofrimento e abusos. Estavam no *Martín Fierro* e na literatura de Lugones. Estavam na independência do país e nas revoluções históricas que representadas pela literatura os transformaram em heróis. Heróis que, com Borges, compartilham seu lugar de privilégio com o compadrito. Com outro modelo de argentino dos tantos existentes que busca incessantemente por um lugar na nação, que busca reconhecer sua identidade em figuras criadas pelas letras, em personagens mitológicos e em letras de tango.

Borges foi um escritor que criou uma identidade mítica com um setor da sociedade para, entre outras coisas, posicionar-se ante Lugones e ante os mitos existentes. Mas também, quiçá, para exibir como as nacionalidades e as identidades

podem ser manipuladas, criadas, impostas. Suas criações literárias, principalmente na sua primeira etapa, deixam ver ao leitor que há identidades a serem pensadas e desvendadas e que somente quem compreender a história do país desde seus primórdios encontrará uma essência ou identidade nacional, ainda que parcial. Recuperar as memórias, ressignificá-las, ficcionalizá-las, sem esquecer o presente, é um caminho para se chegar a um suposto ser nacional.

REFERÊNCIAS

BORGES, Jorge Luis; BULLRICH, Silvina. **El compadrito**. Buenos Aires: Emecé, 2000.

BORGES, Jorge Luis. **El idioma de los argentinos**. Madrid: Alianza Editorial, 2008.

_____. **El tamaño de mi esperanza**. Buenos Aires: Seix Barral, 1995.

_____. **El tango: Cuatro conferencias**. Buenos Aires: Sudamericana, 2016.

_____. **Evaristo Carriego**. Barcelona: Alianza Editorial 1998.

HERNÁNDEZ, José. *Martín Fierro*. Buenos Aires: Distribuidora Quevedo, 2008.

LUGONES, Leopoldo. **El payador**. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2009.

ROJAS, Morelba R. "Identidad y cultura". **La Revista Venezolana de Educación**. Universidad de los Andes, Mérida, vol. 8, núm. 27, p. 489-496, oct./dez. 2004. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/356/35602707.pdf>. Acesso em: 13/11/2020.

SARLO, Beatriz. **Borges, un escritor en las orillas**. Buenos Aires: Ariel, 1995.

_____. **Escritos sobre literatura Argentina**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2007.

OTO, Manuel Gil de. **La Argentina que yo he visto**. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2010.

VACCARO, Santo Gabriel. **Arrabalde e universo: Percursos da noção de linguagem em Jorge Luis Borges**. Orientadora: Dra. Liliana Reales. 2009. 152 f. Dissertação (Mestrado). Curso de Pós-graduação em literatura, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92364>. Acesso em: 15/12/2020.